

ARTIGOS

TIPOS DE PENSAMENTOS JUDAICOS (III).

(*Continuação*).

FRITZ PINKUSS

do Curso de Hebraico da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo.

CAPÍTULO V.

FILOSOFIA MEDIEVAL.

Quando no mundo atual se fala em filosofia religiosa, o primeiro pensamento é dirigido ao problema do relacionamento entre a religião positiva, revelada, e as ciências, argumentando-se que as duas não têm nada em comum, ou quase nada, por colocarem-se em camadas diferentes do conhecimento humano. A filosofia medieval não conhece *esta* problemática. A sua pergunta é se as "*verdades reveladas*" são capazes de ser alcançadas igualmente pela razão. Para exemplificar: o Decálogo foi revelado; será que a razão do homem chega pelo raciocínio à concepção da ética dos dez mandamentos? — No fundo existe a convicção de que a razão e a revelação não são mutuamente exclusivas, e os seus produtos têm de ser idênticos.

A esta premissa junta-se outra: o caráter personalista do credo judaico, com a Lei oferecida para ser *cumprida*, por meios explicativos e aplicativos, não se presta bem a reflexões filosóficas, nem à construção de um tal sistema. Prática e ensino são a sua força, não a especulação.

“O povo judaico não chegou por força própria ao pensamento filosófico. Recebeu a filosofia de fora, e a história da mes-

ma é a de recepções de material intelectual alheio, o qual, todavia, é transformado sob pontos de vista próprios e novos. A primeira destas recepções teve lugar na época helenista..." (1).

Pensamento filosófico surge e estimula-se, quando o povo entra em diálogo com as idéias do seu meio ambiente. Assim, onde houve possibilidades de diálogo, encontramos estas personalidades e suas obras; o início deu-se a partir da vida no meio helenístico, em Alexandria, para depois surgir em todas as partes do convívio com o Islamismo. — No meio cristão medieval reinava o estrito monólogo da Igreja; assim não encontramos praticamente, ou só muito esporadicamente, filosofia judaica, — a não ser a discussão filosófica *interna* dentro do judaísmo. Filosofia judaica, "dirigida para *fora*", o diálogo franco entre religião-mãe e a religião filial foi impossível; em seu lugar encontra-se o triste espetáculo da "disputa pública" da fé.

É admissível dizer que existem duas motivações e respostas na filosofia antiga-medieval; uma é o tipo *meditativo, reflexivo*. Encontramo-lo nas religiões-filosofia da Ásia, e a partir da "era axial", extensivo até a Grécia. Gira em torno do problema do homem. Relativamente tarde entra no pensamento bíblico e na sua literatura; encontramos-lo na terceira parte do Velho Testamento, as "Escrituras Gerais" (KETUVIM), como nos Salmos e especialmente nos livros filosóficos como QOELET, o Pregador. Nele mesmo vê-se nítida influência da STOA, com o seu pessimismo. Mas este tipo, que mais tarde no Cristianismo encontra seu lugar central, no judaísmo e no islamismo é esporádico.

O outro tipo é a *filosofia interpretativa, explicativa e apologética*. Este surge, quando duas civilizações e culturas se encontram e abrem o diálogo. Ele tende a criar uma sistemática do seu pensamento, no meio do seu ambiente, neste caso o helenista e o islâmico. Esta filosofia logicamente não se escreve em hebraico, mas sim em grego ou árabe. As obras originalmente publicadas em árabe, são traduzidas para o hebraico por famílias judaicas de tradutores. Os monges cristãos, baseados nas traduções hebraicas, fazem as versões latinas pré-renascentistas.

O primeiro filósofo judeu, que escreveu em grego é Filo de Alexandria. Ele tenta criar a síntese entre helenismo e judaísmo, decla-

(1). — GUTTMANN (Julius), *Die Philosophie des Judentums*, Ed. Ernst Reinhardt; Munchen, 1933, pág. 9 (foi editado em inglês e hebraico em Jerusalém em 1971).

rando, por exemplo, que os conteúdos dos ensinamentos de Moisés e de Platão são largamente idênticos. Divergências e peculiaridades são amolecidas pela interpretação alegórica. Este mesmo amolecimento fez com que Filo não exercesse influência filosófica sobre o pensamento e a tradição judaicas, ficando suas obras conservadas no meio do Cristianismo, no qual a LXX, como versão oficial da Bíblia, abre o caminho para o pensamento e as doutrinas helenistas. “Grande parte da literatura helenista (judaica), seja filosófica (Filo), seja histórica (Josefus), foi de caráter apologético, propagandista, com o esforço de provar aos “gentios” da superioridade e excelência das leis e dos ensinamentos judaicos. Esta tendência apologética não impressionou o mundo pagão; a época helenística, todavia, fornece a ilustração clássica da capacidade do judaísmo de se enriquecer sem se perder a si próprio, pelo contato com a civilização universal” (2). Filo exerceu influência indireta sobre a doutrina cristã, e suas obras foram conservadas pela Igreja.

Já foi dito que o pensamento clássico da Idade Média judaica, gira ao redor da resposta escolástica da identidade dos produtos da revelação e da razão. O homem medieval, escolástico, não conhece pesquisa científica no sentido analítico. Ele possui o seu sistema cosmológico, em geral o aristotélico, ou neo-platônico ou pitagórico. Ele não *descobre*, mas *organiza e reorganiza* a cosmologia e o sistema filosófico tradicional da natureza, vindo da filosofia grega, e confronta-o com a Revelação, em procura de prova racional.

Juntam-se no pensamento filosófico judaico três motivos:

1. — O apologético, em diálogo com o meio ambiente;
2. — O desejo de criar uma sistemática do pensamento judaico.

“Enquanto para o rabino a forma mais sublime do pensamento é o estudo da Torá, para o filósofo o ideal é a contemplação das “formas eternas”. Princípios da fé judaica em grande parte formularam-se nesta época com precisão dogmática, mas se deve ter em mente que estas discussões se fizeram só estritamente entre os pensadores filosóficos e não entre teólogos autorizados. de sorte que não se chegou a estabelecer em forma irrevogável a verdade, ou pronunciar-se com anátemas” (3).

(2). — WERBLOWSKY (R. F. Zwi), *Judaism* —, em *Historia Religio-num*, Ed. Brill, Leiden, 1971, pág. 17.

(3). — *Ibidem*, pág. 21.

3. — Houve no século VIII pela primeira e praticamente única vez, o desafio emanado de uma seita, os QARAÍM — Escrituralistas, que somente reconheceram a autoridade da Bíblia recusando a tradição rabínica. De fato, os dois lados tinham de criar os seus sistemas de interpretação próprios, e o criticismo qaraíta tinha de ser desafiado da parte rabínica por uma declaração convincente e clara.

Na encruzilhada destes três problemas está o primeiro clássico do pensamento filosófico judaico, o Gaón (Autoridade Religiosa) SAADIA, com sua obra EMUNÖT VEDEÖT, “Fé Revelada e Saber Racional”.

Podemos destacar diversas escolas de pensamento filosófico:

Os Racionalistas: “o pensamento medieval gira ao redor do problema da natureza da Revelação: “razão e fé, e o seu mútuo relacionamento; a natureza da pessoa humana e a sua qualidade de criatura em relação ao Criador; — a existência e os “atributos” de Deus, — *criatio ex-nihilo* ou eternidade do mundo; — providência e teodicéia. — Sob estes esforços repousava a convicção de que a razão não somente é capaz de enfrentar estes problemas, mas tem a obrigação de tratar disto, como MIZVÁ, obrigação religiosa, de ordem superior” (4).

O mundo árabe tinha conservado o Aristotelismo, depois da conquista turca de Bizâncio e do fechamento das suas escolas e ordens filosóficas. Através de Ibn Sina, Alfarabi, Averroes, Ibn Rosht, das escolas dos Mutacalimun, Irmãos de Bazra, acompanhou a corrente filosófica aristotélica do QALÁM, a expansão islâmica na Península Ibérica e, a partir dela, na Europa. No meio árabe da Espanha vivem judeus a sua época áurea, em franco e livre diálogo com o Islamismo, e a filosofia que este trouxera. Filósofos judeus explicam o Judaísmo em termos e temática aristotélicas, racionalistas. O grande homem é Maimônides, século XII, ao mesmo tempo, autoridade como rabino e codificador do Ensino, assim como filósofo do Judaísmo em termos aristotélicos: O MORE NEBUKHM, “*Guia dos Desnorteados*”, obra filosófica originalmente escrita em árabe, no intuito de ser difundida no meio, é traduzida para o hebraico, e posteriormente por monges da Provença para o latim. Este *Doctor Perplexorum* do *Moses Judeus*, traz ao mundo europeu o Aristotelismo na era pré-renascentista, fornecendo dest’arte ao Cristianismo europeu, a base sistemática para a Escolástica de Alberto Magno e de Tomás de Aquino.

(4). — *Ibidem*, pág. 21.

Notam-se “costuras” entre o pensamento do Aristotelismo e da Religião. Enquanto a ética religiosa provém da Divindade, no sistema aristotélico deriva da razão. O filósofo nega “atributos positivos” de Deus, e estabelece um sistema de “Atributos Negativos”, sensível que é acerca dos antropomorfismos. Isto não confere com os atributos positivos existentes, como a bondade, o amor, a misericórdia divinas. Outra “costura” fica entre providência divina e liberdade. Se Deus prevê tudo, como então se pode elogiar ou criticar o ser humano? — Um dos sucessores de Maimônides, Gersônides, delimita o saber divino, no intuito de deixar lugar para o livre arbítrio do homem. Hasdai Crescas admite que os atos humanos são determinados pelo pré-saber de Deus. Ele vive no fim da época áurea e experimenta a reação cristã. Tenta ir ao encontro das necessidades espirituais de uma geração de mártires. Por isto é adversário dos aristotélicos e declara o destino determinado pela Vontade Divina, pois o homem medieval considera o seu martírio como desejado e enviado por Deus.

Outra “costura” de dois sistemas incongruentes: a pergunta surge, porque deve um Deus racional impor uma lei cerimonial ao homem? A resposta de Maimônides é que parte dos cerimoniais se encontra explicada e motivada na Torá, enquanto outra parte é importante para os homens que nem todos são filósofos. Típico pelo racionalismo desta escola que Maimônides criou, é esta resposta: se não se consegue explicar bem um conceito, então a tentativa interpretativa foi estreita demais e se deve encarar e procurar a verdadeira explicação, a qual, sem dúvida, há de existir, pois

“os textos sagrados têm de ser sabidos e não somente acreditados, e o intelecto, convenientemente evoluído, constitui a parte imortal do homem” (5).

A crença no Messias, que reconstrói o Templo e governa Israel retornado à Terra Prometida, é afirmada, mas não forma parte orgânica — essencial do sistema filosófico. — Maimônides tinha fé em que

“a Lei revelada da Torá providencia a maneira de disciplina física e moral mais conveniente, para o desenvolvimento das faculdades mais altas, racionais, e conduz ao fiel e contemplativo saber e à comunhão com Deus. Este estágio da união amigável com Deus, a consumação do *Amor Dei Intellectualis*, é para Mai-

(5). — *Ibidem*, pág. 22.

mônides idêntico à profecia. Um mundo messiânico é aquele onde paz, prosperidade, e governo correto protegem... para fazer possível a vida filosófica, sem ser molestada” (6).

Sentiam-se perigos inerentes à filosofia maimonideana: especulação e alegoria podem apagar ou destruir o ensinamento da Escritura. Houve, pois, amargas discussões acerca do *Guia dos Desnorteados*, até o ponto de ser ele proibido. Dois rabinos-filósofos, na geração posterior a Maimônides, interferiram. Nahmanides de Gerona, homem com fundo místico, tentou aproximar os oponentes. E em 1305 foi falada a palavra final por Rabi Salomão ben Adret: — só pessoas maduras, com mais de 25 anos de idade, podem estudar e aprofundar-se nesta filosofia. — Na obra de Spinoza, no seu Panteísmo, encontram-se motivos e elementos do MORÉ NEBUKHIM; mas, apesar de ter sido judeu e apesar destes elementos, Spinoza não é elemento do pensamento judaico.

A Crítica do Intelectualismo Filosófico surge antes que este chegasse ao seu apogeu com Maimônides. Yehuda Ha-Levi (morreu em 1148), pensador profundamente religioso e o mais dedicado poeta hebraico medieval, defende a experiência e a vida religiosas, na sua singularidade. Werblowsky (7) preconiza que séculos antes de Pascal, Ha-Levi formulou a distinção entre o Deus de Aristóteles, “o primeiro movedor, a primeira causa”, e o Deus de Abraão, o Deus que Vive, na Revelação, na História, em laços pessoais.

“Religião não se baseia em conhecimento especulativo acerca das causas, mas em milagres”; naturalmente, por ser a-racional, o Judaísmo também não é antirracional. — Não na razão universal se coloca o Judaísmo, mas na particular experiência histórica, de uma nação particular”. —

Assim a Revelação é considerada como mais segura e de maior autoridade do que a razão; esta é a doutrina oposta ao Aristotelismo. Ha-Levi declara que a razão pode falhar, mas a Revelação tem o seu testemunho em 600.000 almas, presentes no Sinai. Ele dispensa as tradicionais “provas da existência de Deus”. A Palestina é para ele a Terra Santa, aonde ele faz uma peregrinação e onde os vestígios de sua vida se apagam. Israel é o coração do mundo. Qualifica os filosofemas gregos como flores bonitas, mas sem frutos.

(6). — *Ibidem*.

(7). — *Ibidem*, pág. 22.

O terceiro tipo desta filosofia medieval é representado pela *Corrente Asquético-Espiritual*. Um de seus representantes destacados é Salomão Ibn Gabirol, neo-platônico, com os seus escritos e poesias que tendem a pertencer mais à mística, e menos à filosofia (8).

A Obra Magna desta corrente são as HOVÔT HALEVAVÔT, *Livro das Obrigações do Coração* de Bahya Ibn Pakuda (século XI), uma filosofia popular-pietista, que reconhece o credo refletido, por ele recomendado, mas não o racionalista. Sua obra testemunha a profunda influência da parte do Neo-Platonismo de Sufi sobre a espiritualidade dos pietistas medievais judaicos. Mas nem Gabirol nem Bahya chegam às últimas consequências, como o Sufismo: o extremo ascetismo. É piedade ascética, mas não o misticismo, o que prega Bahya. Não aspira à união extática com o Deus, mas ao amor fervoroso. No seu sistema dificilmente se enquadram os pensamentos tradicionais do Judaísmo, como a era messiânica, a eleição, a Aliança (8a).

A *Especulação acerca da "Essência Divina"* não entrou na esfera do pensamento judaico filosófico; ela se encontra em vestígios na mística.

Houve tentativas filosófico-teológicas de estabelecer uma orientação, linhas mestras, do pensamento judaico: enquanto todas as eras apresentam variados esforços, como a profética e a talmúdica, a mais séria baseia-se nos "Treze Princípios da Fé" de Maimônides. A mais simplista foi a talmúdica que reza:

"O justo viverá na sua fidelidade" (9).

Na Bíblia existe a resposta clássica de Miquéas (6, 8):

"Ele te disse, ó homem, o que é bom e que o Eterno de ti exige: fazer direito, amar a bondade e andar humilde com teu Deus" (9a). —

Já foi em outro lugar destacado que o pensamento judaico não conhece o Dogma no sentido geralmente aceito.

(8). — *Fons Vitae*, Coroa Real.

(8a). — Werblowsky, *Judaism*, pág. 22.

(9). — Citação do tratado de Sanhedrin.

(9a). — O sábio Hilel, de cuja escola provavelmente veio Jesus; declarou como princípio orientador: — "Não faças a outrem o que não queres que a ti façam, — e agora va e estuda". —

“Acredito com perfeita fidelidade”, assim começam os Treze Princípios, mas não aceitos como dogmáticos, baseados na filosofia mai-monideana;

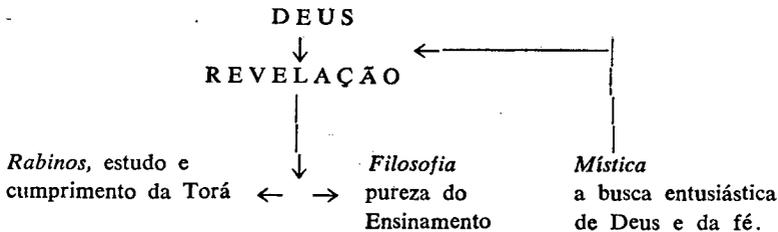
- 1). — Deus existe.
- 2). — Ele é Único.
- 3). — Imaterial e incomparavel a qualquer objeto do conhecimento humano.
- 4). — Ele é Eterno.
- 5). — As rezas são dirigidas só a Ele.
- 6). — Ele se revelou através dos Profetas.
- 7). — A profecia de Moisés é primordial e superior às demais.
- 8). — Através de Moisés recebemos o Ensino — (Torá).
- 9). — Este é imutavel e irrevogavel.
- 10). — A Providência Divina observa as ações humanas e os motivos íntimos.
- 11). — O Homem é recompensado ou castigado conforme seus atos e sentimentos.
- 12). — A vinda de um Messias pessoal.
- 13). — Deus fará ressucitar os mortos (10).

(10). — Sidur, *Livro das Rezas*, págs. 17-19.

CAPÍTULO VI.

A MÍSTICA.

Um tipo de pensamento, por falta de entendimento rejeitado pelos historiadores racionalistas, como Heinrich Graetz, Leopold Zunz, Abraham Geiger, I. D. Luzatto, Moritz Steinshneider, como simples superstição, a *Mística*, recebeu nos nossos dias o seu grande intérprete em Gershom Sholem (1). Um modelo nos sirva para determinar o lugar da Mística, no conceito de pensamento religioso:



Como explicação sirva: o ato da Revelação vem de Deus, e é objeto de estudo e cumprimento da Lei, da parte dos Rabinos: para os Filósofos, significa tema de verificar e estabelecer a pureza do Ensino. A Mística é a tentativa do indivíduo em busca de uma nova Revelação, através da união com a Divindade, e de entender o cosmos, o homem, Israel, o gênero humano, a Criação. A Mística é o processo inverso da Revelação da religião clássica. Enquanto nesta a

(1). — *Die Juedische Mystik*, Ed. Alfred Metzner, Frankfurt, 1957. — Em português: “As Correntes da Mística Judaica”, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972.

comunidade recebe a manifestação através do gênio religioso que se dirige a seus irmãos, na Mística é o indivíduo que busca a comunicação com o seu Deus, em uma revelação individual, para ele próprio, o que significa a “união mística”.

Entre as duas direções, descritas no modelo e aqui explicadas, existe no pensamento judaico uma relação: a união mística respeita a religião clássica, os seus ensinamentos, Torá, tentando completá-la ou complementá-la pela comunicação com a Divindade.

Para esclarecer o relacionamento entre Misticismo e Filosofia, pode-se citar a opinião de Rabi Moses de Burgos (século XIII): Quando se elogiavam na sua frente os filósofos, costumava criticá-los e dizer:

“Deveis saber que aqueles filósofos, cuja ciência estais elogiando, terminam onde nós começamos” (2). — “Esta sentença tem sentido duplo: uma vez que os Qabalistas — místicos — exploraram em grande parte um domínio da realidade religiosa, o qual estava decididamente longe do interesse dos filósofos. Eles procuram penetrar numa camada nova da consciência religiosa. — Do outro lado, eles estão de fato muitas vezes nos ombros dos filósofos e têm, pois, maior facilidade de olhar mais longe que estes”.

Podem-se destacar três tendências, nem sempre isoladas, mas geralmente com uma prevalecendo em intensidade:

- 1). — O Tipo especulativo-teosófico-sistemático (Qabalá);
- 2). — O Tipo pietista-moralista-ascético-mágico (Pietismo);
- 3). — O Tipo extático (Hassidismo).

A) *O Tipo Especulativo — Teosófico — Sistemático. (QABALA).*

Na *Teosofia Especulativa* procura-se explicar um mundo, a criação do mesmo, a relação do homem à criação, geralmente pelos sistemas neo-platônico e neo-pitagoréico, por meio do simbolismo. Gershom Sholem escreve:

“Se na alegoria uma expressível coisa está por outra causa expressível, no símbolo místico uma coisa expressível está por alguma coisa que está afastada do mundo da expressão e da comunicação...” (3).

(2). — Conf. Gershom Sholem, pág. 26.

(3). — *Ibidem*, pág. 29.

São temas que giram ao redor de MA'ASEH BERESHIT, *Obra da Criação* — cosmogonia — e da MA'ASEH MERKABÁ, *Carruagem Divina* (conf. a visão de Ezequiel, cap. 1), com especulações acerca da Essência e da Personalidade Divinas.

A *Magia* encontra-se nas suas duas formas: a “branca” e a “preta”; sendo a primeira aquela que “conduz” a encontrar e entender a SHEKHINÁ, “Glória Divina, Presença Divina”, enquanto a segunda representa todo um sistema de amuletos, ritos e papéis com textos, usados contra SHEDIM, demônios, como, por, exemplo, a LILIT, malfetora no quarto da parturiente.

O *Êxtase* é o caminho em busca de Deus, através de KAVANÁ, concentração fervorosa, e HITLAHAVÚT, Chama de Entusiasmo.

O termo *QABALÁ*, que significa “recebimento”, “tradição”, é usado em variados sentidos, não só no misticismo. Assim, os rabinos exprimem-se: está escrito na Torá, e repetido na Qabalá. Querem uma vez denominar os livros bíblicos subsequentes ao Pentatêuco como Qabalá, tradição bíblica; de outro lado, se entende como Qabalá toda a tradição verbal, legal, qualificadas como de igual idade da Revelação, dada verbalmente a Moisés no Sinai, HALAKHÁ LEMOSHÉ MISINAI”. A *Qabalá Mística*, da qual aqui tratamos, preconiza, com seu título, que ela abrange tradições antigas, secretas, que em muito precedem à idade da fixação escrita.

Nas suas preleções na Academia de Ciência do Judaísmo, em Berlim, o grande mestre LEO BAECK costumava dizer que: após o cânon bíblico houve um intervalo na criação literária judaica, o que deu destaque merecido às “Santas Escrituras”. A suspensão no escrever livros, promovendo-se somente “estudo verbal”, manteve a tradição da Palavra unida, e, conforme Baeck, protegeu o pensamento judaico contra formação de seitas, a qual, com a única exceção dos QARAIM, Escrituralistas, de fato não teve lugar. Só posteriormente foram fixadas por escrito, de um lado, a “tradição verbal” do Talmude dos Rabinos e do outro lado, a tradição mística que adotou o nome de “TRADIÇÃO”, QABALÁ.

Esta Qabalá, cujos adeptos acreditavam que as teorias esotéricas foram reveladas já a Moisés e aos Patriarcas, é somente uma fase, mas a mais importante e mais extensa nos seus efeitos, na história do misticismo judaico.

“Os livros apócrifos e pseudepígrafos, (post-bíblicos) já sugerem a existência de grupos dedicados a experiências visionárias” (4).

(4). — WERBLOWSKY, *Judaísm*, págs. 23-24.

Hoje sabemos que os Essênios de Qumrán cultivavam doutrinas de caráter esotérico. Um misticismo extático parece transparente na tradição talmúdica, com algumas recomendações para como se chegar à êxtase e à união mística, através de doutrinas cosmológicas e gnósticas (5), com elementos baseados na *Carruagem Divina*, MAASÉ MERKAVA, descrita por Ezequiel. Isto foi praticado de forma extremamente discreta pelos rabinos da era talmúdica. — A própria Qabalá desenvolveu-se nos séculos XII e XIII na França meridional e na Espanha, girando ao redor do tema do “PLEROMA, Essência Divina”,

“consistente de fatores dinâmicos, com interação, e de relação com o mundo humano” (5a).

A exegese Qabalística dá explicação dos atos rituais prescritos pela Lei, no sentido de seu valor simbólico (6). A religião clássica é estritamente mantida, bem como a transcendência divina, apesar do uso de diversas expressões panteístas. O místico judeu mantém a ética do Ensino, Torá, elevando-o ao *sentido cósmico*.

“O Shabat, as festas, as ações boas, recebem importância cósmica” (7). “A falta de moral no mundo, o sofrimento de Israel, refletem uma ruptura fatal dentro da “vida interna” da Divindade. Os pecados perpetuam esta ruptura, enquanto a observância dos mandamentos junto com a meditação religiosa podem saná-la. Todo ato tem significado cósmico e Israel deve promover a redenção através de uma vida santa. *Aqui encontra-se a complementação do cumprimento da Lei pela meditação religiosa*, e a vida religiosa da comunidade e do indivíduo em Israel têm efeito redentivo sobre a integralidade da Divindade” (8).

Após o desterro dos judeus da Espanha em 1492, o centro do Misticismo desloca-se para a cidade de Sefat, no Galil palestinese. Ali vive Isaac Lurja (morreu em 1572); ele introduz como base inte-

(5). — Gnosis, conhecimento salvador, ocupa-se com mistérios da salvação do mundo e do gênero humano, baseados no Helenismo.

(5a). — Entre a mística quabalista dos judeus e dos cristãos, existem afinidades e interdependências, às vezes notáveis, como — todavia — diferenças básicas do acesso e da teologia.

(6). — “... o mundo inteiro é para a Qabalá um corpus symbolicum: da realidade da Criação... manifesta-se o mistério indescritível da Divindade...”. SHOLEM (Gershom), *op. cit.*, pág. 30.

(7). — *Ibidem*, pág. 30.

(8). — WERBLOWSKY, *Judaism*, pág. 24.

grante de seu sistema gnóstico-místico-teosófico, a doutrina grega da cosmogonia das SEFIROT, esferas. Conforme ele, houve um cataclisma, um “quebrar de vasos” pré-cósmico, pré-Israel, pré-humano. A alma humana pecadora recebe cura (9), quando Israel está esforçado com todas as energias a reerguer as “centelhas”, faíscas da Divina Essência- Luz, do abismo demônico, aonde tinham caído. Este esforço destacado por *santidade ascética, meditação mística* e estrito *cumprimento da Lei*, possui valor redentivo, cósmico.

Deus apresenta-se em dois aspectos (10): o Escondido e Incompreensível, o EINSOF — o “Nada” — e o Deus Acessível, auto-revelativo, da experiência religiosa. — A Criação é uma espécie de emanção das dez “Sefirôt”, esferas, potencialidades. A partir do EINSOF, emanam o Deus da Religião e do cosmos, este criado *EX-NIHILO*. Estas Sefirôt são comparáveis a uma emanção de luz, a qual, ao descenderem as camadas, cada vez mais perdem brilho, até se apagar na matéria. Este dualismo do Deus escondido e do Deus manifesto — influência gnóstica — e a doutrina das Sefirôt, significavam um perigoso desvio do monoteísmo, perigo este que não se concretizou. Também poderia-se facilmente chegar ao Panteísmo, com a iminência divina, mas o pensamento místico jamais abandonou a transcendência de Deus. Aqui segue um exemplo do sistema de Sefirôt, sobre o qual se pode dizer pouco; ele serve só como ilustração. Existem mundos superiores e inferiores (espíritos, anjos, homem, matéria). O homem é o nexó entre os dois mundos por ter corpo e alma.

O sistema de Sefirôt comumente aceito e descrito por Gershom Sholem é o seguinte (11):

- a. — KETER ELYÔN, a “suprema coroa” de Deus;
- b. — HOHMÁ, a “sabedoria” ou idéia primordial de Deus;
- c. — BINÁ, a “inteligência” divina;
- d. — HESSED, o amor ou a misericórdia de Deus;
- e. — GUEVURÁ ou DIN, o “poder” de Deus, esp. julgamento e punição;
- f. — RAHAMIM, a “compaixão”; — com a tarefa de mediar entre as duas Sefirôt precedentes. Também se usa, porém raras vezes: TIFERET = “beleza”;
- g. — NETZAH, a constância duradoura de Deus;

(9). — Apesar de falar do pecado original, este jamais chega a um lugar doutrinário.

(10). — SHOLEM (Gershom), *op. cit.*, pág. 30.

(11). — *A Mística Judaica*, pág. 215. — Existem também outros sistemas orientados, ou pela mão, ou pelo corpo humano, em suas estruturas anatómicas.

- h. — HOD, a Majestade Divina;
- i. — YESSÔD, a “base” ou “fundação” de todas as forças ativas em Deus;
- j. — MALKHUT, o “Reino” de Deus, comumente descrito no “ZOHAR” como a KNESSET ISRAEL, o arquetipo místico da comunidade de Israel, ou como a SHEKHINÁ (“glória divina”).

Outro tema é a pergunta acerca da finalidade da criação do mundo. Deus o criou por causa da Torá (veja o Lógos no Helenismo); outros dizem que a finalidade foi o homem. Estas duas posições não são irreconciliáveis, uma vez que o homem cumpre a Torá, e devemos de lembrar que este cumprimento tem valor cósmico, redentor.

O sistema levanta o problema do *Mal no Mundo*. Dizem que este está de uma ou de outra forma inter-dependente com o bem, excluindo-se, todavia, o Dualismo, posição que seria incomensurável com o Monoteísmo puro. *O mal no mundo é consequência* da insuficiência humana (12).

Sobre a *Migração das Almas*, conhecem-se dois tipos: GUILGUL e IBUR. *GUILGUL* é a mudança das almas de corpos mortos para corpos a nascer. Existe um número definido de almas que entram em um número definido de corpos. — *IBUR* significa uma alma adicional, que vem de alturas celestiais. Assim, quem observa o Shabat, recebe uma segunda alma cósmica que nele fica até terminar o dia do descanso. (O Dibuk é um demônio que entra, dominando uma alma humana enfeitiçada; — também espécie de Ibur).

Como herança do neo-pitagorismo há sistemas que se atribuem às letras, as quais têm valores numéricos no semítico, com efeitos mágicos no seu jogo. Por exemplo: o número 18, H”Y forma os elementos da palavra HaY — vida; assim, são 18 os membros de uma HEVRÁ QADISÁ, santa irmandade que cuida dos mortos, no intuito de simbolizar a fé na *vida eterna*.

As *épocas e as obras mais destacadas* do Misticismo são as seguintes:

- As eras bíblica e talmúdica;
- Os primeiros mil anos da era atual;
- O século XII até 1492 — Espanha, — até o século XVII — Palestina;

(12). — SHOLEM (Gershom), *op. cit.*, pág. 38.

- Século XII, XIII — os Pietistas Alemães; — (a seguir)
- Século XVII, Hassidismo na Europa Oriental, — (a seguir).

As obras:

— *Mística das Hehalôt* (recintos celestes), onde entra o homem como ente cósmico.

— *Sefer Yôrdei Merkává e Sefer Yecirá* (livros dos que descendem à Carruagem Divina e à Criação); Cosmogonias.

— *Sefer Ha'Bahir* (Livro do Brilho) que é introdutório para a obra magna (13).

— *O Zohár* (Livro do Reluzir) é escrito em forma de comentário para o Pentatêuco, sendo a obra clássica da Qabalá. A mentalidade de seus adeptos atribuía o Zohar ao Rabi Shim'on Bar Yohai (século II da era atual), mestre da época da Mishná, parte mais velha do Talmude. Gershom Sholem e outros autores têm dúvidas justificadas acerca desta autoria, quanto à língua e à descrição dos acontecimentos posteriores nele mencionados, e consideram Rabi Moses de Leon (falecido em 1305) que viveu em Castilha, como o mais provável autor.

Em síntese final, sejam dados os temas básicos do misticismo teosófico-gnóstico-especulativo:

- 1). — Deus e a Criação;
- 2). — Lei e Meditação;
- 3). — A teoria emanativa — redentiva de Lurja (Sefirôt):
- 4). — Problema do Mal;
- 5). — Transcendência e Panteísmo;
- 6). — Migração das Almas;
- 7). — Qabalá Prática.

*

B). — *O Tipo Pietista — Moralista — Ascético — Mágico.*

No auge da época das cruzadas e das perseguições dos séculos XI e XIII, as tremendas perturbações que afligiram as comunidades judaicas de AHSQENAZ, Alemanha, deram motivo ao misticismo como refúgio espiritual. Este se apresenta em moldes diferentes do tipo teosófico-especulativo, e se interessa pelo lado pietista-moralista, as-

(13). — Das Buch BAHIR — Ein Schriftdenkmal aus der Fruehzeit der Kabbala aufgrund der kritischen Neuausgabe von Gerhard Scholem. — Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt 1972, nº de catálogo 5049: Introdução: “Como preparo para o ZOHAR, obra máxima da Qabalá, o livro de Bahir junto com este teve influência altamente importante na Igreja Cristã e no Renascimento Ocidental, esp. no movimento místico do século 17...”.

cético e mágico. A personalidade central deste movimento é Rabi Yehuda, o Piedoso (falecido em 1217 em Regensburgo). Ele escreve o SEFER HAHASIDIM, Livro dos Piedosos. Este influi sobre a obra de seu aluno Rabi Eleazar: HAROKETH — o farmacêutico —, de Worms na Rhenânia, que falece 10 anos depois do mestre.

“Aos olhos dos Piedosos da Alemanha” apresenta-se a relação Deus-Homem em luz nova. Três são as características que definem esta mística: o *novo ideal ético do piedoso* e de sua piedade, o *Retorno a Deus*, e a *reza*. O piedoso é aquele que se isolou da sociedade, o piedoso verdadeiro não é o extático, nem o mestre do conhecimento místico, mas estas qualidades o determinam: a *ascese*, a *abstinência* das amenidades do mundo terrestre, e a *perfeita humildade e indeferência* diante de elogio ou reproche, bem como o *extremo amor ao próximo*. Ele não é mais interessado na especulação teosófica, mas no melhoramento ético do homem e do mundo. O HAROKEAH estabelece as “Leis da Piedade” (14).

O Retorno é a idéia central, entendendo-se que toda espécie de tragédia é consequência de pecados. As práticas penitenciais para chegar ao retôrno verdadeiro são influenciadas pela mística cristã, pois a ascese é basicamente estranha ao pensamento judaico. Estes ordenamentos para o “retorno” e a “penitência” são *sintomáticos* para este tipo de pensamento. A *reza* no sistema dos Hassidé Ashquenaz também não é mais a atitude extático-teosófica, como por exemplo da mística da “Carruagem de Deus”, mas é cheia de mistérios, e tende, como Gershom Sholem acerta, para a magia. O verdadeiro Hassid não reza só por ele próprio, mas conjura em toda a sua concentração com os espíritos e os anjos, a favor do bem-estar e da proteção da comunidade.

O fenômeno do *martírio*, presente na época das Cruzadas, faz os Hassidé Ashquenaz, de preferência, ocupar-se com temas como o “mundo vindouro”, a vida *post mortem*, a suma felicidade dos justos no “paraíso” e nos dias messiânicos, mérito e castigos futuros.

O Reino de Deus, destacado pela Onipresença Divina, testemunha a Sua Santidade e Infinitude: “Ele é o escondido e o manifesto, o próximo e o longínquo simultaneamente”. Estando Deus em toda a parte, opera-se uma relação de intimidade Deus-Homem, nova no pensamento judaico, chegando aos limites do Panteísmo. Em uma reza daquela época se diz textualmente: “Tudo está em Ti e Tú estás em

(14). — A descrição baseia-se nas págs. 38-39 do trabalho de HANS ISAAC GRUNEWALD, *Das Geheimnis der Kabbala*, em UDIM, Zeitschrift Rabbinerkonferenz in Deutschland, Frankfurt, 1970.

tudo”. Mas este Pietismo não tira as consequências de chegar ao Pan-teísmo: para ele Deus fica estritamente na Transcendência.

Este interesse pela reza e pelas práticas criou costumes (MINHAGUIM) que, sobrevivendo àquela época, se enraizaram na vida religiosa judaica, ultrapassando as regiões dos Ashquenazim, para serem aceitos praticamente em todas as partes do mundo judaico. Não nos referimos à magia “preta” dos “Piedosos”, com a qual naqueles dias se afastaram “SHEDIM”, demônios, por exemplo, do quarto da parturiente, com textos e práticas místicas. — Sobreviveram costumes belos e significativos, como a cerimônia do BAR MITZVÁ, o menino “co-responsável” com 13 anos, uma espécie de confirmação religiosa; existe no Talmude somente a simples constatação da maioridade com 13 anos e não a cerimônia. — Debaixo da HUPÁ, tenda nupcial, quebra-se um copo de vidro, hábito este que tem diversas explicações antigas: assustar os demônios, não esquecer na alegria a “tristeza de Jerusalém”, simbolismo da defloração. — No Ano Novo os piedosos vão a um rio, simbolicamente esperando que

“Tú, ó Deus, jogues os nossos pecados ao mar” (15).

— Em correspondência ao Requiém da Igreja criaram-se Livros de Memória (MEMORBUECHER) com a relação dos nomes dos mártires. Estes são lidos em datas fixas do calendário festivo. — Também se estabeleceu com rigor a comemoração da data da morte de entes queridos (YAHREIT). E em paralelismo à circuncisão do recém-nascido, intriduz-se a cerimônia de HOL KRASH (grito do berço) para a menina recém-nascida que atinge 30 dias, com uma benção para a mesma.

Para todos estes costumes não se encontraram correspondências em outros idiomas, de sorte que a sua origem fica evidente: os “Piedosos da Alemanha”. Com a ênfase que deram à reza e ao MINHAG, costume, tornaram-se rígidos em todas estas práticas.

O aspecto sombrio do mundo daqueles dias e a necessidade de ser ele redimido pela penitência do indivíduo, fizeram florescer o tipo de literatura MUSSAR, moralista. Para as mulheres, não suficientemente versadas no hebraico, escrevem-se livros em yidish, chamados TEHINÓT, Súplicas.

Também datam dessa época TZEVIÓT, testamentos, cheios de exortações moralistas. E houve HAZANIM, cantores sacros, eruditos,

(15). — Da liturgia do Ano Novo; o costume chama-se TASHLICH, jogarás.

que criaram NIGUNIM, melodias, geralmente sérias, as quais tinham longa difusão, como por exemplo, provavelmente o KOL NIDRÉ, a famosa melodia daquela solene reza que inicia o Dia do Perdão: — Também se expandiu uma espécie de poesia erudita religiosa, o PIUT, já antes em uso, mas agora sobrecarregada de citações e com alusões místicas, como para enriquecer a QEDUSHÁ, reza de “Santificação de Deus”, com citações das teofanias dos Profetas bíblicos, em uso desde a era talmúdica, mas preconizada desde os Hassidé Ashquenaz. Estes Piedosos geralmente usaram elementos já antes conhecidos, para os elevar a pontos centrais da liturgia e dos costumes, notadamente com um rigor até excessivo (16).

*

C). — *O Tipo Extático — Hassidismo.*

Ele pertence no seu início ao século XVII e nasce no Leste Europeu. Este século do barroco respira o ar místico, em resposta às perturbações da Guerra dos Trinta Anos. Ocorrem simultaneamente o florescimento da filosofia realista na Inglaterra, com John Locke, David Hume, — e das doutrinas místicas de Francisco de Salles, Jacob Boehme e dos Quakers.

Este Hassidismo é uma espécie de movimento renascentista. Redescobriu a clássica, a HITLAHAVUT, entusiasmo, e a KAVANÁ, concentração religiosa, — contra o racionalismo dos rabinos.

“A ênfase emocional torna a complementar a ênfase intelectual no judaísmo” (18).

Ele é um movimento de âmbito social: enquanto aos ricos é facultado ensinar seus filhos nas YESHIVÓT, colégios rabínicos, com o fim de satisfazer ao mandamento do Estudo da Lei, a massa dos pobres não tem meios para este estudo, e está despertada por Israel Baal Shem Tôv (18a) para encontrar sua razão religiosa de existir na felicidade da HITLAHAVUT e da KAVANÁ, realizando o verbo tradicional: IVDU ET ADONAI BESIMHÁ: Servi a Deus com entusiasmo.

(16). — ELBOGEN (Ismar), *Geschichte des Jüdischen Gottesdienstes* — Ed; Kauffmaun, Frankfurt, 1930.

(17). — DUBNOW (Simon), *Geschichte des Chassidismus* — The Jewish Publishing House Ltda. Jerusalém, reprodução de edição de 1931, vol. II.

(18). — POOL, de Sola (David), *Why I am a Jew*, Beacon Press, Boston, 1965, pág. 73.

(18a). — Século 18, no leste europeu.

O título de BA'AL SHEM TOV, "Dono do Nome Bondoso", é dado àquele que, por sua piedade, recebeu a re-revelação do grande e milagroso Nome Divino, esquecido por proibição de pronúncia-lo, e com o qual o DONO do NOME é capaz de promover milagres. Israel Baal Shem Tov reúne ao seu redor seus alunos, os quais, com ele, através da parábola, ensinam sua doutrina moralista-extática. — Da parte dos rabinos há forte reação, mais tarde é criada uma síntese, o CHABAD, Hohmá = sabedoria, BINÁ = Entendimento, — DEAH = Saber, desde que se tinha chegado a excomunhões da parte rabínica (os detalhes encontram-se em Israel, Povo dos Milênios, pág. 120 em diante). Enquanto Martim Buber colecionou as parábolas e interpretou o Hassidismo, posteriormente criticado por Gershom Sholem em suas pesquisas, fornece Elie Wiesel na sua mais recente publicação (19), SOULS ON FIRE uma excelente interpretação deste pensamento hassídico:

"Este Hassidismo foi erradamente comparado ao Panteísmo de Spinoza. Para os seguidores do Baal Shem, Deus não é neutro. Nem uma abstração. Ele é simultaneamente Aliado e Juiz do Homem dentro da Criação. O laço entre eles é insubstituível, é o amor. Até Deus necessita do amor. Quem amar a Deus, será mutuamente amado, amado pelo homem e por Deus. No homem terá de ser amado Deus, pois o amor divino caminha através do amor do homem. Quem amar somente a Deus, excluindo o homem, reduz o seu amor e seu Deus ao nível de abstração. E este Hassidismo nega toda abstração...

Para se realizar, o Hassidismo do Baal Shem ensina-nos que o homem antes de mais nada terá de ficar fiel ao seu profundo íntimo, seu verdadeiro ego; ele não poderia ajudar a outros, se ele se negasse a si próprio. Qualquer homem que amar a Deus, enquanto odiando ou desrespeitando Sua Criação, acabaria odiando a Deus. Um judeu que rejeita suas origens, seus irmãos, vai finalmente acabar traíndo a humanidade. Esta é verdade para todos os homens...".

"Todos os seus atos prodigiosos parecem nascer do desejo de unir a gente, oferecendo-lhes canto e lenda como refúgio e escudo. O povo judaico, na dispersão decimado, precisava de vigor novo, assim o mestre prometeu prole aos casais sem filhos... (20).

(19). — WIESEL (Elie), *Souls on Fire*, Random House, New York, 1972, págs. 31-32.

(20). — *Ibidem*.

Há a chama acesa nas montanhas da Carpátia, ela recusou apagar-se... Consolidado em Jerusalém, o Hassidismo reapareceu na Diáspora em toda a parte... com quase a totalidade de seus seguidores perdida no holocausto, o Hassidismo está brotando hoje com vigor novo..." (21).

Recentemente, partindo do poeta Haim Nahman Bialik e dos Haluzim, pioneiros, de Israel, há renascimento religioso no sentido do Hassidismo; assim também nos E.E.U.U. a escola do Rav de Lubavich, irradiando sua doutrina para todos os centros no mundo.

(Continua).

(21). — *Ibidem.*